



CONTOS E FÁBULAS

Liev Tolstói

FREE BOOKS

LIEV TOLSTÓI

CONTOS E FÁBULAS

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS

CONTOS/FÁBULAS/LENDAS/APÓLOGOS

Título: CONTOS E FÁBULAS

Autor: Liev Tolstói (1828 – 1910)

Tradutores: Paulo Soriano (“O Primeiro Destilador” e “O Cão Morto”) e autores desconhecido dos séculos XIX e XX. Narrativas publicadas originariamente nos seguintes periódicos: “Eu Sei Tudo”, 9 de fevereiro de 1942; “A Pacotilha”, 6 de julho de 1890; “O Tico-Tico”, de 11 de janeiro de 1932 e “O Malho”, 29 de junho de 1929 e sem indicação dos tradutores. Atualizou-se a ortografia e fizeram-se pequenas adaptações textuais.

Imagem da capa: Ivan Kramskoi (1837 – 1887).

Leiaute da capa: Canva.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 19.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da tradução: Paulo Soriano (“O Primeiro Destilador” e “O Cão Morto”). Demais traduções de domínio público (art. 40, *caput* e parágrafo único da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Original de domínio público (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 art. 41, *caput*).

Os contos “O Primeiro Destilador” e “O Cão Morto” não foram traduzidos diretamente do original russo.

Direitos das traduções de “O Primeiro Destilador” e “O Cão Morto” e das adaptações textuais: © Paulo Soriano. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do editor.

Ano: 2017.

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br

Sumário

[O POBRE RICO](#)

[A PRINCESA DOS CABELOS DE OURO \(Lenda Japonesa\)](#)

[A AMBIÇÃO](#)

[A PEDRA](#)

[O PRIMEIRO DESTILADOR](#)

[O CÃO MORTO](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

O POBRE RICO

Houve um homem que, tendo-se deitado, não pôde dormir durante toda a noite.

Pensava:

“Por que é a vida tão penosa para os pobres? E... Por que os ricos acumulam tanto dinheiro? Têm caixas cheias de ouro e, no entanto, vivem privados de tudo, para continuar amontoando. Se eu fosse rico, não viveria da mesma forma. Daria a mim próprio boa vida e procuraria não ser pior que os demais”.

Repentinamente, ouviu uma voz que lhe dizia:

— Queres ser rico? Aqui está uma bolsa. Nela há apenas uma moeda. Porém, logo que a tires, outra a substituirá. Tira quantas queiras e, depois, atira a bolsa ao rio. Porém, antes de deitar fora a bolsa, não gastes nenhuma das moedas, porque o resto se transformará em pedra.

O pobre homem quase enlouqueceu de alegria. Quando se sentiu mais tranquilo, cuidou de fazer uso do presente maravilhoso.

E apenas tinha retirado a moeda, no fundo da bolsa viu brilhar outra!

— A felicidade é minha! — murmurou com um estremecimento. — Toda a noite passarei tirando moedas da bolsa e amanhã serei rico. Então jogarei a bolsa à água e desde então viverei confortavelmente.

Todavia, chegada a manhã, mudou de ideia.

— Se eu quiser ter o dobro — pensou — é bastante conservar a bolsa mais um dia.

E também passou o resto do dia extraindo moedas. No seguinte mais, mais e mais; no outro, mais e mais... Não podia se decidir a abandonar a bolsa.

Nessa altura, sentiu fome e então recordou que só dispunha de um duro pedaço de pão preto.

Ir comprar alguma coisa era impossível, pois, embora muito quisesse comer, não ousava se separar da bolsa. Assim, comeu o infeliz aquele pão preto e duro. E, depois, continuou tirando moedas da bolsa inesgotável.

Nem mesmo à noite descansava.

Passou, assim, um mês, um ano.

Quem se teria contentado com certa quantidade? Todo mundo quer possuir mais e mais, o máximo que for possível!

E o infeliz vive uma vida de mendigo, esquecido de que desejara viver para seu prazer e o de seus semelhantes.

De vez em quando, toma uma resolução: aproxima-se do rio para lançar a bolsa à água. Todavia, arrepende-se e volta. Hoje está velho, fraco e amarelo como seu ouro, mas não pode interromper sua tarefa...

E assim morre pobre, sentado sobre um banco e com a bolsa entre as mãos.

A PRINCESA DOS CABELOS DE OURO (Lenda Japonesa)

Há muitos séculos existia na Índia uma princesa tão loura que a chamavam de “Princesa dos cabelos de ouro”.

Tinha a princesa uma madrasta que a odiava mortalmente e conseguiu persuadir o imperador, pai da infante, a desterrá-la para um lugar solitário e afastado da corte.

A princesa foi conduzida a um deserto medonho e árido e aí abandonada à ferocidade das feras.

Mas, que prodígio! Voltou ela ao palácio imperial cinco dias após o seu desterro, montada no dorso de um leão, cujas longas jubas espargiam por sobre suas vestes.

Então a madrasta aconselhou o imperador que fizesse conduzir a princesa por alçózes até o cume duma escarpada montanha, onde só habitavam colossais aves de rapina. E assim foi feito.

Ao quarto dia, voltou a princesa dos cabelos de ouro ao palácio paterno, sentada, desta vez, como num trono, sobre as vigorosas asas de uma águia majestosa.

Como descrever a cólera da madrasta?!

Mas esta não se deu por vencida e, na noite do mesmo dia, fez transportar a princesa a uma ilha isolada no meio de um mar tempestuoso.

Inútil intento! O vento arrastou até as costas de uma ilha um frágil barco de pescadores e estes, admirados com a surpreendente beleza da donzela, e compadecidos do seu triste abandono, conduziram-na de volta ao palácio imperial.

A cruel madrasta a recebeu com tremenda expressão de cólera e, fazendo cavar no pátio do palácio um profundíssimo poço, lançou-a nele à noite, mandando cobrir o poço com pesada laje de mármore.

Pela quarta vez se repetiu o prodígio de salvação da princesa. Seis dias depois de cometido o crime, o imperador notou que, através das frestas da laje de mármore saía um vivo esplendor, assemelhando-se às nuvens vermelhas que coroam os montes ao pôr do Sol. Mandou, então, tirar a pedra.

Subitamente, apareceu a princesa, que conservava ainda restos de vida.

Não tardou, porém, a morte da princesa de cabelos de ouro, que se transformou em bicho-da-seda, o qual voou para uma amoreira, onde começou a roer as folhas com indescritível avidez.

Um dia, não comeu e deixou de mover-se. Mas, cinco dias depois, o mesmo período em que a princesa havia passado no deserto, reanimou-se e voltou a roer as folhas.

Tornou mais tarde a adormecer e, decorrido um período de tempo exatamente igual ao que a donzela passou na montanha, até que a águia a levou ao palácio paterno, o bicho-da-seda se reanimou ainda uma vez e logo em seguida adormeceu para reviver com mais alento.

Da quinta vez, o bicho-da-seda apareceu envolto em um casulo delicado, finíssimo, dourado, em cujo fundo depositou um ovo, e lhe deu vida com amor maternal. Dali saíram, aberto o casulo, outros bichos-da-seda que povoaram as amoreiras e carvalhos do país, e todos aqueles gusanos se reproduziram maravilhosamente, pousaram nos arvoredos, nos jardins, nos bosques e até nas altas rochas inóspitas. Todo o imenso território do Japão apareceu um dia, ao despontar a aurora, cheio de casulos de finíssima seda, trabalhado pelos descendentes da princesa, pelos “Yama Mai”, expressão japonesa que quer dizer “cabelo de ouro”.

E, desde então, o império do Japão cultivava enorme quantidade do bicho “Yama May” e fabrica os mais finos tecidos de seda.

O bicho da seda entra em letargia cinco vezes e outras cinco desperta, e os japoneses deram um nome especial a cada um desses sonos: ao primeiro, chamam “sono de leão”; ao segundo, “sono da águia”; ao terceiro, “sono da barquinha”; ao quinto, “sono da árvore”. E isso tudo em memória da “Princesa dos Cabelos de Ouro”.

E a madrasta?

A madrasta foi transformada, pela Divina Providência”, em castigo por suas maldades, num animal selvagem.

A AMBIÇÃO

Um rato vivia debaixo de um celeiro em cujo chão havia um furinho por onde caía o trigo grão a grão. Era o suficiente para ele viver tranquilamente sem passar fome.

Mas o rato quis fazer ostentação do seu bem-estar.

Roeu a madeira do assoalho e alargou o furinho até deixá-lo da largura de um dedo polegar. Depois, foi visitar uns ratos conhecidos e mesmo desconhecidos e disse-lhes, dando importância:

— Por que vocês não vêm visitar-me? Tenho uma despensa abundantíssima, onde há trigo para todos.

Aceitando o convite, muitos ratos foram visitá-lo e dono da casa, quando ia levar as visitas para comer, notou que já não havia o buraco de passagem e, portanto, não havia trigo.

O que havia ocorrido?

Apenas o seguinte: o furinho do assoalho passava despercebido, mas o buraco feito pelo rato foi logo visto pelo dono do celeiro, que imediatamente o tapou.

A PEDRA

Um pobre foi pedir esmola à casa de um rico. Este não lhe deu nada.

— Saia daqui! — disse-lhe o rico.

Mas o pobre não se retirou.

Então, o rico aborreceu-se e, pegando uma pedra, atirou-lhe com ela.

O pobre pegou a pedra, apertou-a de encontro ao peito, e disse:

— Hei de guardá-la até que, por minha vez, lhe atire, também.

O rico praticou uma ação má, de que a sociedade pediu contas e, despojado de quanto tinha, foi encarcerado numa prisão.

Vendo-o tão arrastado, o pobre chegou-se a ele, tirou a pedra do peito, e fez o gesto de arremessar-lhe. Mas, refletindo, deixou-a cair no chão e disse:

— Foi inútil ter guardado durante tanto tempo esta pedra. Quando ele era rico e poderoso, eu o temia. Agora, compadeço-me dele.

O PRIMEIRO DESTILADOR

Sem ter almoçado, um pobre camponês foi lavrar o campo. Consigo, levou apenas um pedaço de pão. Depois de ter preparado o seu arado, escondeu sua côdea sob um matagal e o cobriu com a sua capa.

O cavalo cansara-se. O camponês tinha fome. Desatrelou o cavalo e o deixou pastar. Depois, recolheu-se para comer. Levantou a capa. O pão havia desaparecido. Procurou por toda parte. Mexeu e remexeu a capa. Sacudiu. O pão não apareceu.

“Que coisa estranha” — pensou. “Não vi ninguém passar por aqui. Ainda assim, alguém levou meu pedaço de pão!”

O camponês ficou surpreso.

Mas fora um diabrete que, enquanto o camponês arava o campo, furtara-lhe a comida. Depois se escondeu detrás do matagal para ouvir o camponês e ver se ele se aborrecia e chamava pelo demônio.

O camponês estava longe de estar contente.

– Ora! – disse. — Não vou morrer de fome. Quem me tirou a comida, precisava dela, sem dúvida. Que tenha um bom proveito.

O camponês foi ao poço, bebeu água, descansou uns instantes e voltou a atrelar o cavalo. Tomou o arado e pôs-se a trabalhar novamente.

O diabrete tomou-se de fúria ao ver que não conseguira fazer o camponês cair em pecado. Foi aconselhar-se com o diabo-chefe. Contou-lhe como havia furtado o pão do camponês e como este, em vez de aborrecer-se, havia dito: “*Bom proveito!*”.

O diabo-chefe irritou-se.

– Se o camponês não se deixou enganar por ti nesta ocasião, foi porque tu mesmo deixaste de cumprir com o teu dever. Não soubeste laborar bem. Se deixamos que os camponeses e as babás percam o respeito que nos devem, isto será intolerável. Isto não pode ficar assim. Vai, volta à casa dele, e farás por merecê-lo, se queres comer o pedaço de pão. Se em três anos não venceres esse camponês, eu te darei um banho de água benta.

O diabrete estremeceu.

Voltou rapidamente à terra, refletiu por um longo tempo sobre como reparar o seu erro. O diabrete pensava e repensava. Por fim, encontrou o que procurava.

Ele se transformou em um homem bom e se pôs a serviço do camponês. Prevendo que o verão seria seco, aconselhou o patrão a semear o trigo em terrenos pantanosos.

O camponês seguiu o conselho de seu criado e semeou o trigo em terras pantanosas.

O trigo dos demais camponeses queimou ao sol. Mas o do pobre camponês cresceu viçoso e fresco. O camponês teve o que comer até a outra colheita e ainda sobrou muito pão.

Naquele verão, o criado convenceu o camponês a semear o trigo nas alturas. E houve realmente muita chuva.

O trigo dos demais foi inundado pelas águas. Os talos apodreceram e as espigas não germinaram. De sua feita, o camponês colheu, nas alturas, um trigo magnífico. E sobejava tanto trigo que o agricultor não sabia o que fazer com ele.

Então o criado o ensinou a fazer vodca, pôs-se a bebê-la e deu a bebida aos demais.

Então o diabrete procurou o diabo chefe, dizendo-lhe que havia ganho a côdea de pão. O diabo chefe quis ver se era verdade.

Foi à casa do camponês e viu que este, tendo convidado pessoas importantes, dava-lhes vodca. A sua mulher servia a bebida. Mas, ao passar próximo à mesa, enganchou-se na quina e derramou um copo.

O camponês ficou aborrecido e ralhou com sua mulher:

— Cuidado com isso, tonta de mil demônios! — disse. — Acaso achas que isso é água de lavar para derramá-la deste modo?

O diabrete cutucou o chefe com o cotovelo.

— Agiste bem – disse-lhe o chefe. — Mas agora veremos como ele irá te dar o pão.

Depois de ter admoestado a mulher, o camponês quis servir pessoalmente os convivas e todos brindaram. Chegou um pobre campônio que não era esperado por ninguém. Vendo que os outros tomavam vodca, queria também um pouco para animar-se. Ali estava o pobre campônio tragando saliva. O anfitrião se negou a dar-lhe de beber, murmurando:

– Achas que fiz bastante vodca para dar a todos quanto vierem?

Isto também agradou ao diabo-chefe. E disse o diabrete, orgulhoso:

– Aguarda, aguarda um pouco. — Isto não é tudo.

Os camponeses ricos, e com eles o anfitrião, depois de terem bebido a vodca, bajulavam-se uns aos outros e prodigalizavam mútuos elogios. E suas palavras eram melosas.

O diabo-chefe seguia escutando e felicitava o diabrete:

— Se essa bebida os torna hipócritas — disse —, se eles enganam uns aos outros, estão todos sob o nosso poder.

— Aguarda ainda o que falta – disse o diabrete. — Deixa que bebam mais outro copo. Agora estão como raposas que agitam a cauda diante dos outros e procuram enganar uns aos outros. Mas, depois, estarão ferozes como lobos.

Os camponeses beberam outro copo.

E começaram a falar e gritar com grosserias. Em vez de palavras melosas, insultavam-se reciprocamente. Enfureceram-se, brigaram, quebraram os narizes uns dos outros. E, tendo o dono da casa se metido na briga, também recebeu as suas pancadas.

O diabo-chefe via tudo e ficava satisfeito.

— Isto vai muito bem! — disse.

E o diabrete respondeu:

— Espera o que ainda vai acontecer. Deixa que bebam mais um copinho. Agora estão como lobos furiosos. Quando beberem mais um copo, estarão como porcos.

Cada um dos camponeses bebeu outro copo. Estavam todos embriagados. Grunham, gritavam sem saber o que diziam, e não ouviam uns

aos outros. Cada qual foi para o seu lado, uns sozinhos, outros de dois em dois ou três em três: todos caíram no chão de sua rua.

O dono da casa, que saíra para acompanhar seus comensais, tombou num charco, sujou-se completamente, e ali ficou estirado, como um porco que grunhe.

E isto terminou por alegrar o diabo-chefe.

— Tu inventaste uma magnífica bebida. Ganhaste o teu pão. Diz-me agora como fabricaste esta beberagem. Eu juraria que a fizeste com um composto de sangue de raposa, e assim os camponeses se tornaram traidores como as raposas; depois, de sangue de lobo, que os tornou cruéis como lobos e, por fim, de sangue de porco, que os converteu em varrões.

— Não — disse o diabrete. — Não o fiz assim. Limitei-me a fazer com que colhesse trigo em abundância. Neste, estava o sangue desses animais. Mas esse sangue não podia produzir os seus efeitos enquanto o trigo servisse apenas ao necessário. Então, quando percebeu que pão não lhe faltaria, e começou a pensar o que faria com o trigo excedente, eu o ensinei a fazer vodca. E quando ele se pôs a destilar a bebida, o sangue da raposa, o do lobo e a do porco afluíram. Agora, é bastante que tome vodca para agir como essas bestas.

O diabo chefe parabenizou o diabrete, deu a ele a côdea de pão e o honrou com uma promoção.

O CÃO MORTO

Certa tarde, chegou Jesus às portas de uma cidade e mandou que os seus discípulos seguissem em frente para preparar a ceia. Ele, sempre inclinado ao bem e à caridade, meteu-se nas ruas e chegou à praça do mercado.

Viu Jesus algumas um grupo de pessoas reunidas num canto, a observar algo que jazia no chão.

Aproximou-se para ver o que lhes chamava atenção.

Era um cão morto, preso pelo pescoço por uma corda que servira para arrastá-lo pelo lodo. Jamais coisa mais vil, mais repugnante, mais impura se havia oferecido aos olhos daqueles homens.

E todos que estavam no grupo olhavam para o chão com desagrado.

— Isto envenena o ar — disse um dos presentes.

— Este animal putrefato estorvará o caminho por muito tempo — disse o outro.

— Vede o seu couro — disse um terceiro. — Não há um só fragmento que se possa aproveitar para fazer umas sandálias.

— E suas orelhas — exclamou um quarto — são repulsivas e estão cheias de sangue.

— Deve ter sido enforcado por um ladrão — acresceu um terceiro.

Jesus os ouvia. E, lançando um olhar de compaixão ao animal imundo, disse:

— Seus dentes são mais brancos e belos que as pérolas!

Então as pessoas, admiradas, voltaram-se para ele, exclamando:

— Quem é este? Será Jesus de Nazaré? Somente ele poderia encontrar de que se condoer e até algo que elogiar em um cão morto!

E todos, envergonhados, seguiram o seu caminho, prosternando-se ante o filho de Deus.

SOBRE O AUTOR

Por muitos considerado o maior romancista da literatura russa, Liev Nikoláievich Tolstói (1828 – 1910) deixou obras-primas inexcelsíveis como “Guerra e Paz”, “Anna Kerenina” e “A Morte de Ivan Illitch”. Deixou, também, diversas narrativas breves, entre as quais fábulas, apólogos e contos.